



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

RELATOS DAS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADES ENTRE MIGRANTES EM ROLIM DE MOURA

Elton Alves da Cunha¹

1 Migração em Rolim de Moura

As narrativas sobre o que hoje é o município de Rolim de Moura - RO iniciaram na década de 1970, neste período e início dos anos de 1980 o ainda distrito (Rolim de Moura teve sua emancipação política em 05 de agosto de 1983. Recebe este nome em homenagem ao D. Antônio Rolim de Moura, primeiro governador da província de Mato Grosso) do município de Cacoal recebeu alto número de migrantes das mais diversas regiões do país, entretanto, com predominância de migrantes sulistas.

O alto número de migrantes que chegaram a Rolim de Moura nos anos finais de 1970 e início dos anos de 1980 compreende a terceira onda migratória de Rondônia. A história de Rondônia é contada, geralmente, a partir de três ondas migratórias, relacionadas a questões econômicas e a necessidade de territorialização dessa localidade. Nessas narrativas, a primeira e a segunda ondas migratórias se relacionam aos processos de extração das chamadas drogas do sertão, do ouro e principalmente da borracha.

A Amazônia nas décadas de 1970 e 1980 (período estudado) passava por um processo de ocupação implantado pelos governos civis militares, seja com a distribuição de terras feitas pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), seja por outros incentivos e concessões.

O desejo de obter o tão sonhado pedaço de terra ou simplesmente uma melhor qualidade de vida atraíram muitos migrantes não só para Rondônia, mas a toda à Amazônia. Esta característica de fixar a terra (especialidade) seja pelo cultivo da

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus de Porto Velho-RO. E-mail: ms.cunha16@gmail.com



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

mesma, por um trabalho e outros meios deu um caráter diferente a esta terceira onda migratória diferente das duas primeiras. As duas primeiras ligadas ao extrativismo o migrante (trabalhador/seringueiro/soldado da borracha) chegava e tinha como principal objetivo, obter um pecúlio² e voltar para a terra natal.

Na terceira onda migratória, o migrante recém-chegado tem como objetivo adquirir um *pedaço de chão*, e na sua grande maioria das vezes, pretendia fixar residência, lavrar, plantar e cultivar a terra, e a partir de então, criar relações de pertencimento e identidade.

Para entender a integração entre indivíduo e coletivo utilizamos do conceito de *configuração* utilizado por Norbert Elias (1994) em que o indivíduo e as relações sociais são entendidos como estando dentro de uma *configuração* – um todo que não pode ser apreendido pela separação de suas partes. Desse modo a dicotomia ou separação entre o indivíduo e a sociedade apresenta ser inadequada é pouco produtiva. Norbert Elias defendeu veementemente a ideia de que indivíduos e sociedade estão irremediavelmente integrados.

A ideia de Configuração busca descrever a dinâmica do real sem segregações ou dicotomias (ELIAS, 1994). Não se pode, segundo Elias, entender o todo ao segregá-lo em suas partes, pois sozinhos os indivíduos não constroem relações sociais; deve-se analisar a *configuração*, a relação estabelecida entre os indivíduos.

Portanto, para Norbert Elias, não existe separação entre indivíduo e sociedade, são partes de um mesmo *continuum*. É a configuração que deve ser entendida; se assim não o for, a dinâmica da realidade é perdida. O conceito de *configuração* de Elias pode ser aplicado tanto a pequenos grupos como para a sociedade inteira. (TOMAZI, 2010). Na presente pesquisa o conceito de *configuração* contribui na análise das relações de sociais construídas entre os sujeitos que migraram de várias regiões do país para esta espacialidade e aqui deram guarida a novas sociabilidades.

² Esta ideia de adquirir pecúlio, para a grande maioria dos trabalhadores dos seringais foi ilusória, fascinados pela propaganda do governo nacional que pregava aqui como terra de riqueza fácil, os soldados da borracha ao desembarcar nos seringais deparam com o abandono e ao aprisionamento por dívida ao dono do seringal (seringalista).



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

que na época não havia em Rondônia o alto número de evangélicos como atualmente, configurando o estado que proporcionalmente tem maior número de evangélicos da federação “nessa época quase não tinha evangélico”. Diante disto é possível perceber que muitos dos eventos de sociabilidade dos migrantes de Rolim de Moura, no recorte temporal estudado, em geral, ocorreram nos meandros da igreja católica ou em volta da mesma, geograficamente falando. Conotando o surgimento da comunidade religiosa e do campo como sendo fatos associáveis, revelando a construção de uma *configuração* de relações sociais em rede e em situações diferentes, conforme versa o pensamento de Elias (1994).

Foram bons tempos de socialização após as celebrações [culto dominical, característico da igreja católica], ficávamos conversando, dando boas gargalhadas, fazíamos bolos, tortas, doces para sorteios em bingos; quem ganhava normalmente já repartia entre os participantes. Os que gostavam de futebol ficavam brincando em um campinho do lado da igreja. (CIZMOSKI, 2016).

Cabe atestar que as concepções de memória e história oral utilizadas não são entendidas como “resgates fiéis do passado”, mas sim enquanto interpretações ou (re)elaborações dos mesmos. (FREITAS, 2002).

Seguindo aos elementos de sociabilidades em tela Marques (2016) em um relato um quanto nostálgico evoca as relações de sociabilidades, principalmente no tocante as festas em que ocorria na comunidade católica, em que ajudou a criar e é participe junto com sua família até os dias atuais.

Na igreja quando começamos, havia festa, um doava criação, era feito leilão, eu gritei muito leilão naquela igreja graças a Deus, se eu estivesse gravado para mostrar para as pessoas acreditar; porque até na verdade eu fico assim, aborrecido, pensando o quanto mudou o sistema das pessoas aqui nesta comunidade, na época eu gritava leilão, você brincava. Teve uma festa ali levaram uma mandioca assim deste tamanho [raiz de mandioca com 1 metro de comprimento, segundo informa] aí um falava assim eu dou tanto para fulano levar mandioca, outro, eu dou tanto, ninguém achava ruim, no fim a mandioca deu foi muito dinheiro. Hoje se você sair com uma brincadeira desta os caras já escamam contigo, então as coisas mudaram muito. [...] A gente ajudou, naquele tempo rolava uma cerveja danada em festa de igreja, dificilmente saia alguma confusão. Hoje corre o risco de sair uma confusão mais perigosa que naquela época, mas no começo usava fazer festas na igreja com bebidas [bebidas alcoólicas], depois foram criadas outras formas de manter a igreja, como dizimo, aí parou com este tipo de festas. (MARQUES, 2016).

Como percebido, as lembranças dos tempos idos, relatadas pelos migrantes



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

apresenta um fato de interação entre migrantes, anterior às visitas as casas e a presença na comunidade religiosa:

[...] Primeiro, os moradores... nós conhecíamos na estrada, quando pegamos o cartão do INCRA, né! Então aí [se] formavam os grupos pra poder vim abrir o lote; E depois, na [ação] seguinte, mudamos pra cá, e aí começamos a se reunir nas casas, até vim formar uma igreja, uma comunidade! Então aí nós participávamos desse jeito. (SILVA, 2014).

A Fala acima vem revelar que por relações de sociabilidades não se entende somente situações festivas, de entretenimento e lazer e sim quaisquer fato que tenha proporcionado os migrantes a se reunirem; Silva (2014) apresenta o encontro de migrantes para abrir o lote, a abertura do lote consiste desde a realização de uma picada de acesso ao lote, uma pequena derrubada, a construção de um rustico barraco para abriga-los das intempéries do tempo e de animais peçonhentos, o plantio das primeiras lavouras, dentre outras benfeitorias.

As dificuldades econômicas, ausências de infraestruturas e políticas públicas em geral foram suplantadas pela esperança de vencer na nova terra. Tais dificuldades regradas com a esperança de vencer na nova terra não só fomentaram o desenvolvimento da cidade, como também aproximou estes migrantes, criando uma rede de interação e solidariedade entre eles, além, de uma relação de pertencimento com Rolim de Moura.

A solidariedade entre migrantes foi além das construções das capelas, campos de futebol e demais infraestruturas de interesse coletivo, a solidariedade também se fez presente na realização de atividades laborais, empréstimos de mantimentos entre outros. A este respeito, Silva (2016) atesta: “Era desta forma [rede de solidariedades entre migrantes], dinheiro para pagar não tinha, a gente tinha que fazer o serviço, então se ajuntava no serviço de um hoje, na hora da precisão do outro, a gente voltava a pagar aquele dia, era serviço trocado, né”.

Gomes (2016) é enfático quanto as redes de solidariedades entre os migrantes em Rolim de Moura.

Sim, sim! Esta solidariedade entre os vizinhos, amigos era constante, as vezes, por exemplo, faltava alguma coisa na casa da gente, você ia até o vizinho: ah!,



Simposio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

vizinho você tem tal coisa que pode me emprestar até que eu possa ir na rua [cidade], semana que vem, daqui quinze dias? - Tenho. Lá arrumava ali um sal, arrumava um querosene para colocar na lamparina. A gente também tinha um grupo de mutirão para ajudar a fazer as colheitas, por exemplo: se eu estivesse 40 sacos de arroz para colher, o tempo chuvoso, então tinha que aproveitar as horinhas [momentos] do sol, dava uma hora, duas de sol, saia ali na vizinhança, aí um vinha, o outro vinha, de repente tinha 10, 15 pessoas, aquele arroz que você ia gastar um par de dias, em uma hora, duas horas você já recolhia, jogava tudo na pia, tampava, para salvar aquele. O outro vizinho do mesmo jeito, dava em dia de domingo não tinha negócio de bater uma bolinha [futebol], olha o vizinho vai recolher o arrozal dele, levantar para pia a gente falava, dava 11 horas, todo mundo ia ajudava, a gente trabalhava muito assim em mutirão, um ajudando o outro, na hora de cortar arroz também fazia a mesma coisa, entrava na roça do cara que iria gastar 8 dias para cortar sozinho, nós entrávamos com aquele mutirão, dentro de duas 3 horas ou até a hora do almoço, já estava tudo cortado, era muita gente, um ajudando o outro, fazendo muita coisa unido, era muito bom, de certa forma era até divertido, a gente brincava muito, tirava sarro um do outro, a hora ia passando, o serviço ia rendendo, era bacana demais, era muito bom. (GOMES, 2016).

A fala de Belmiro Gomes apresenta elementos de solidariedade como a troca de mantimentos, bem como o cotidiano dos migrantes em tempos de colheita, principalmente do arroz, cereal produzido em larga escala na década de 1980 em Rolim de Moura; o uso do mutirão³ também é evidenciado por Lopes (2016), “Fazia mutirão, pra um ajudar o outro, o outro vinha cá e ajudava na colheita, nas derrubada [de mato] era feito mutirão, era muito melhor que hoje”.

Cabe salientar que expressões como “era muito melhor que hoje” de Lopes (2016) e outras semelhantes, no que se refere à solidariedade dos migrantes em Rolim de Moura não quer dizer que estas redes de solidariedades se extinguíram nos tempos atuais, estas acontecem em menores frequências e também de outras formas. Como sujeito desta pesquisa, a título de exemplo, observo principalmente no meio rural de Rolim de Moura, um vizinho abater um porco, um bovino e doar quilos de carne aos vizinhos mais próximos, em poucos meses os demais vizinhos fazem o mesmo, o excedente da horta, (um, dois pés de alface, folhas de couve, tomate...) da pequena roça e da avicultura (ovos) serem compartilhados.

Os relatos dos migrantes em tela no tocante as relações de sociabilidades trilham o caminho da perfeição, uma positividade que silencia e amortizam todos os

³ Reunião de pessoas para realização de uma atividade trabalhista.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Na época quando a gente chegou aqui não tinha muita diversão. A diversão que tinha era caçar, jogar futebol, ir à igreja aos domingos, era as coisas que tinha. Fim de semana um bailinho na casa de amigos, reunia um povinho lá, armava um barraquinho de lona lá. – ah! vai ter um forrózinho lá na casa de senhor fulano; tinha um colega da gente que tinha sanfona, outro que tinha pandeiro, um violãozinho, isto foi um pouco depois, mais logo no começo era a chamada “radiola” ou “toca discos”: colocava o disco de forró, era na pilha ainda, fazia aquela vaquinha, todo mundo ajudava a comprar uma caixa de pilhas, se eu não me engano eram 24 pilhas, 6 na radiola, ai botava lá é o forró cortava a noite toda. (GOMES, 2016).

No tocante as “poucas” opções de lazer e interação entre migrantes, Selhorst (2016) relata o cenário que vivenciou em sua comunidade rural em Rolim de Moura.

A única atividade de lazer que nos tínhamos era ouvir o jogo do campeonato brasileiro pela rádio nacional de Brasília aos domingos, ou ir para campo do futebol quando começou a ter os campos que não foi logo no princípio, no princípio mesmo era visitas nas casas das famílias pra conversar, ou quando tinha terço, ou quando começou a ter as festas de casamento, ai quando começou a ter os bailinhos, uma coisa. [...] Os ambientes de lazer eram nas casas e na comunidade [católica] [...] então esses ambientes era o que nos tínhamos a igreja, ou casa da família pra rezar o terço, ou um casamento, aniversário ai chamava a gente lá pra tomar um suco, quente, por que naquela época ainda não tinha energia elétrica. (SELHORST, 2016).

Uberto Selhorst (2016) quanto Gomes (2016) apresentam situações que ocorriam na zona rural de Rolim de Moura, atribuindo parte das “reduzidas” opções de lazer a falta de energia elétrica. Contudo, esta situação não era peculiaridade da zona rural. O professor Rodnei A. Paes, que chegou a Rolim de Moura em 1984 e sempre residiu no perímetro urbano rolimourense, afirma que mesmo na zona urbana eram restritas as opções de lazer, bem como era constantes as quedas de energia elétrica, aliás, não se tinha energia elétrica integralmente durante o dia.

[...] O grande o entretenimento que tinha aqui, era o futebol, o esporte, porque você não tinha muita opção, a televisão era da 6h da tarde [18:00h] a meia noite [00:00h] que tinha energia, porque você não tinha opção durante o dia porque não tinha energia, só quem tinha o motor estacionário, eram poucas pessoas que tinham condições de ter o motor estacionário na sua própria casa, a noite quando chegava a energia você ligava a televisão até meia noite [00:00h] tinha energia, quando tinha, as vezes o motor dava problema, cansei de assistir filme até a quinta parte, na sexta eu nunca ficava sabendo “quem matou quem”, [fim do filme] porque não dava tempo. (PAES, 2016).

Percebe-se que neste momento a cidade de Rolim de Moura ainda não possuía uma rede de energia elétrica gerada pelas forças de turbinas de uma



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

hidrelétrica, e sim, através de motores estacionários movidos a óleo diesel. A aquisição de um motor estacionário exigia deste migrante um poder aquisitivo maior, portanto, a escuridão na noite rolimourense predominava.

A aquisição de um motor estacionário por um migrante proporcionava melhor qualidade de vida e bem-estar não somente a sua família específica, como também criava redes de sociabilidade, interação e lazer entre os vizinhos mais próximos.

Eu sempre fui um cara que gostei de diversão, em 1986 eu fiz esta casa aqui, comprei um motor estacionário 18 HP um girador 12 KWA ai eu tinha energia aqui, fazia um forrózinho dentro da minha casa, convidava os vizinhos, nós dançávamos aqui dentro desta sala, foram várias vezes, era na base da radiola, quando não era aqui, era na casa do compadre Paulo. (N)aquele tempo não era compadre, nós éramos vizinhos, nós gostávamos mesmo, era forró mesmo, xote aquelas músicas mais antigas, até porque a radiola era daquele disco grande [vinil] que tocava tanto a pilha quanto na energia. (MARQUES, 2016).

Os relatos, seja do Marques (2016), seja do Gomes (2016), este último citado na página anterior, apresentam o ritmo musical, forró, como predominante, seja através da radiola tocada à energia do motor estacionário, seja por meio de pilhas compradas pelos partícipes do baile, ou mesmo, pelo som de instrumentos musicais como sanfona, violão, pandeiros e outros tocados pelos próprios migrantes.

Dentre os ritmos musicais tocados nos bailes rolimourenses nos anos de 1970 e 1980 constatamos o forró, ritmo típico do nordeste brasileiro, seguido do xote, vanerão e a rancheira, ritmos desenvolvidos na região sul e trazidos a Rolim de Moura pelos migrantes sulistas, estes últimos que numericamente predominam na mesorregião do leste rondoniense, para fazer de nomenclatura utilizada pelo IBGE (Instituto de Geografia e Estatística).

Na época no nosso setor mesmo, era mais o forró mesmo, era música nordestina, música de Luiz Gonzaga, outros artistas que eu não me recordo agora, mas eram músicas no estilo de forró. A música gauchesca apareceu já um pouquinho depois, quando apareceu outras pessoas que tinham aquele estilo de tocar lá do sul, aquela música tipo, vaneira, o xote, já passou a mudar o estilo de a gente dançar, porque antes a gente só sabia dançar o forró, depois passou a mudar o estilo para o xote, a vaneira, no estilo gaúcho, até porque na região mudaram lá um catarinense que viera do sul, comprou um terreno ali perto da gente, também gostava da festa, e sempre aos fins de semana a gente fazia as brincadeiras lá. Era muito legal, com isto a gente aprendia com eles, eles aprendiam com a gente, trocávamos uma experiência. (GOMES, 2016).

O relato de Gomes evidencia a troca de experiências culturais, modos de



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

vida diferentes que se encontram e se complementam, formando novas relações de sociabilidades entre migrantes vindos das mais diversas regiões do país. Verifica-se que passado alguns poucos anos, estes migrantes se adaptaram a nova terra, já estabelecidos e com maior identificação com a espacialidade, criaram maior diversidade de opções de ambientes e de eventos nos quais ensejavam novas sociabilidade. Isto é perceptível através da fala de Paes (2016):

Tinha as festas, aqui você tinha mis Rolim de Moura, tinha muitos bailes, interessante como tinha bailes praticamente todos os fins de semana, bailes com banda, muita música gaúcha, o CTG [Centro de Tradições Gaúchas] era muito forte, hoje tem um prédio bonito lá, mas não tem evento, não fazem nada, antes tinha bailes, tinha aquele cara, o “Ari Santos e os recampados” ele fazia baile aqui direto, como tinha muitos gaúchos. Eu mesmo quando cheguei aqui não conhecia nem o que era xote, rancheira e vanerão, e eu sempre gostei de dançar, na faculdade, na juventude era ligado a dança, eu tinha uma namorada nós fomos para o baile dançamos, dançamos, dançamos... teve o intervalo, aí quando começou a música de novo ela chegou e disse - Rodney vamos dançar este xote? Mas espera aí, eu não sei o que é isto. Ela disse – Nós já dançamos antes. Aliás, eu não conhecia o ritmo! O que era o xote, o que era rancheira, o que era vanerão; entrei no ritmo porque eu sempre gostei de dançar, acho que levo jeito um pouquinho, mas quando ela falou vamos dançar este xote, eu disse o que é isto, aí que fui saber o que era xote, rancheira, vanerão, diferenciar os passes, conhecer a tradição gaúcha que era muito forte aqui, ela se perdeu muito com o tempo, aqui é uma região predominante de sulistas, principalmente de Vilhena até aqui, subindo [sentido Porto Velho] já muda bastante. (PAES, 2016).

Diante dos últimos relatos, verifica-se que os ambientes e eventos proporcionavam sociabilidades, a interação e o lazer entre os migrantes uma troca cultural, hábitos, valores, costumes e comportamentos diferenciados que eram compartilhados entre migrantes, reapropriados por estes, abrindo uma via de dois sentidos à formação de projetos identitários para o rolimourense.

Na dinâmica dos ritmos musicais ouvidos e dançados em Rolim de Moura nos anos de 1980, observa-se que os hábitos culturais trazidos pelos migrantes sulistas exerciam forte influência local. Todavia não caracterizam a identidade local que ainda se encontra em formação, portanto, não se pode afirmar de forma categórica que Rolim de Moura tenha sofrido plenamente forte influência sulista, sobretudo do Rio Grande do Sul, em seu cotidiano.

Como percebido muitas das relações de sociabilidades praticadas em Rolim



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

de Moura na década de 1980 giram sobre as atividades esportivas, e propriamente sobre o futebol, o entrevistado Paes (2016) categoricamente afirma que sua interação com os demais, bem como seus momentos de lazer ocorria através do esporte.

Era o esporte, nós tínhamos futebol, vôlei, eu lembro muito bem, eu já jogava futebol em São Paulo, fiz amizade fácil, me relacionei com a cidade através do esporte, principalmente futebol. O que nós fazíamos sábado a noite aqui era jogar voleibol, nós íamos para escola Cândido [Cândido Portinari] eu morava próximo à escola, no sábado à noite, a tarde também, não tinha muita opção, ficávamos jogando voleibol, às vezes no domingo também, voleibol, basquete, futsal também, mais as modalidades que mais me chamavam atenção na época era - que gosto também - era o voleibol e o futebol de campo. (PAES, 2016).

O relato de Paes revela que as primeiras escolas de Rolim de Moura atuavam como ambientes de sociabilidade por reunir alunos, pais e professores, bem como funcionava como ambientes de interação e lazer para toda a comunidade rolimourense, pois aberta aos fins de semana, suas quadras poliesportivas, ainda sem teto, eram palco de muitas práticas esportivas, e com considerável público para assisti-las.

Foto 1: Futsal na quadra da Escola Estadual Aluísio Pinheiro Ferreira- 1982.



Fonte: Arquivo fotográfico de Rolim de Moura. 2016. Disponível em: < <http://www.afotorm.com.br/>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

O ambiente futebolístico, como elemento e meio que propiciava a construção destas relações de sociabilidades, nota-se um consenso entre todos os entrevistados,



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

o que denota o lugar social ocupado pelo futebol como um elemento significativo da cultura brasileira contemporânea, em que grande parte da população dele se apropriou para firmar suas relações sociais, (GASTALDO, 2006).

Dentre os elementos de sociabilidade elencados, Gastaldo (2006) apresenta a prática do futebol como sendo parte da cultura geral dos brasileiros, o que talvez tenha facilitado a interação de pessoas vindas de tão distintas regiões, visto que além da sociabilidade que a prática possibilita, este esporte é reconhecidamente um elemento constituinte da chamada identidade brasileira.

Além do futebol percebemos que os encontros nas casas, à presença na comunidade religiosa e a solidariedade entre vizinhos são elementos de sociabilidades que se repetem nas narrativas destes migrantes. Pollack (1992) classifica esta repetição de fatos como pontos fixos da memória (enquadramento da memória). A narração, por mais que seja um processo de reconstrução de fatos, também apresenta elementos fixos, identificados ao longo de relatos (POLLAK, 1992). Conceber estes elementos invariantes é tão importante quanto entender “o processo mutável da memória”.

Se destacarmos esta característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante (POLLAK, 1992, p. 201).

Este “enquadramento da memória” possibilita ao indivíduo a construção de referências, da chamada identidade social. E tal aproximação da memória coletiva com as relações de sociabilidades (objeto deste estudo) visa expressar a individualidade dos sujeitos envolvidos na trama, a partir das experiências construídas frente as coletividades.

3 Considerações Finais

Trabalhar. Visitar. Jogar. Namorar. Rezar. Sonhar. Eram muitos os verbos e



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

ações que homens e mulheres, oriundos de vários lugares do país ensejaram na experiência de migrar para Rolim de Moura, nos anos de 1970 e 1980. A partir das memórias, as histórias que se contam hoje, numa espécie de saudosismo encantando pelos tempos idos, dão conta de sociabilidades construídas por meio do futebol jogado nos campinhos de terra batida, cercados de plateia atenciosa; das idas a igreja para professar a fé e na intenção de reduzir os fardos, o pesado das responsabilidades mundanas; dos jogos de baralho regados a contos de causos e nisso tudo, para além do esporte e das orações, se colocavam os olhares que iniciaram namoros, as brincadeiras que edificaram amizades, as relações que suplantaram em alguma medida o desafio de habitar um lugar até então desconhecido. Eram sociabilidades que buscavam em suas várias nuances, vencer o medo do estranho, da solidão nas novas terras e construir o sentimento de comunidade.

REFERENCIAS:

CISMOSKI, Ana Luzia Serbate. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2016.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FREITAS, Sônia. **História oral: procedimentos e possibilidades**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

GASTALDO, Édison. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. **Esporte e sociedade**. n. 3. p. 1-16, 2006.

GOMES, Belmiro Aparecido. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

LOPES, João Batista. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2016.

MARQUES, Nelson Francisco. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2016.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

PAES, Rodnei Antônio. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2016.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SELHORST, João Uberto. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2014.

_____. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2016.

SILVA, José Carlos da. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2014.

_____. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2016.

TOMAZI, Nelson. **Sociologia para o ensino médio**. São Paulo: Saraiva, 2010.